

Grife de desejo



O longa de CEP gaúcho 'Ato Noturno' é candidato forte ao troféu Teddy, a láurea LGBTQIAPN+ da Berlinale

De volta à Berlinale com 'Ato Noturno', a dupla gaúcha Marcio Reolon e Filipe Matzembacher investe nas trilhas da estética queer

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

De portas sempre abertas a grifes autorais sobre as quais jogou holofotes, a Berlinale recebe a dupla de CEP gaúcho Marcio Reolon e Filipe Matzembacher pela terceira

vez em dez anos, à luz dos elogios colhidos por "Beira-Mar" (em 2015) e "Tinta Bruta" (2018), para um novo estudo sobre as convenções morais do Brasil.

Coberto de aplauso em sua passagem pela seção Panorama, "Ato Noturno" é um eletrizante diálogo deles com as cartilhas do chamado cinema de gênero nas

raias do thriller erótico. "Somos cinéfilos, cada um com sua predileção, e o último filme que a gente passou para a equipe ver, ao falar das referências, foi 'Intinto Selvagem', do Paul Verhoeven", conta Matzembacher, citando (num tom tiete, de fã) um policial brasileiro de Miguel Faria Jr., "República dos Assassinos" (1979). "A personagem vivida pelo Anselmo Vasconcellos (Eloína) é a maior femme fatale do cinema brasileiro".

Carregado de tintas queer, "Ato Noturno" acompanha o cotidiano do ator Matias (Gabriel Faryas), que busca sua primeira

grande chance ao estrelato em Porto Alegre, participando de um respeitado grupo de teatro. Quando a notícia de que uma grande série será rodada na cidade chega à trupe, a já saliente rivalidade entre o protagonista e seu colega de apartamento, Fabio (Henrique Barreira), entra em ebulição.

Apesar de ter talento, Matias enfrenta um obstáculo ainda mais desafiador se quiser conseguir o papel do galã: para ter uma chance de realizar seu sonho, o jovem terá que esconder parte de quem é e ceder às convenções de gênero. No entanto, ao se envolver com Rafael (Cirillo Luna), um político

que disfarça suas pulsões, o aspirante a astro passa a encarar uma dinâmica opressora, ainda que estimulante.

"Dentro do nosso olhar sobre performances, temos personagens que interpretam dentro da realidade que vivem. É personagem dentro de personagem", diz Reolon, explicando a dinâmica de tomadas noturnas de "Ato Noturno", pontuadas de requinte visual. "A noite e uma instância que combina desejo e perigo".

"Ato Noturno" é um dos candidatos mais fortes ao troféu Teddy, a láurea LGBTQIAPN+ de Berlim.

A estrela sobe (nas ruas de São Paulo)

Divulgação



Shirley Cruz brilha em 'A Melhor Mãe do Mundo'

Aclamada na TV em sua passagem pela telenovela "Bom Sucesso", antes da pandemia, Shirley Cruz fez Berlim se comover numa das atuações de maior requinte se todo o festival alemão de 2025 à frente de "A Melhor Mãe Do Mundo", um drama exibido pelo evento na sexta passada. De lá para cá, ele não saiu do radar da Alemanha ao narrar a peleja da catadora de material reciclável Gal (o papel de Cruz) para fugir de uma relação tóxica, forjada nas raias da agressão.

Sua protagonista cria a figura dessa mãe resiliente com base em um vasto espectro de gestos, usando o silêncio como um cinzel para esculpir a dor. O dilema de Gal é proteger a filha e o filho, ambos menores, do atual companheiro, um segurança (vivido por Seu Jorge) que parte pra pancada quando exagera na cerveja.

A direção é de Anna Muylaert, realizadora do aclamado "Que Horas Ela Volta?" (2015). Sua dramaturgia aposta na cartografia de uma

São Paulo a céu aberto, com grandes depósitos de papel, lata e plástico.

"A cada duas mulheres com quem você conversar, uma, pelo menos, terá algum histórico de violência doméstica para contar", disse Shirley ao Correio. "Tenho muito respeito pelo trabalho da Anna, pois eu me atraio pela força do roteiro, algo que ela faz muito bem. Foi importante encarar com ela esse mundo dessas profissionais tão corajosas que caçam materiais". (R.F.)